

APRESENTAÇÃO

A LITERATURA DE AUTORIA DE MULHERES: UMA EXPERIÊNCIA RADICAL DA ARTE-PALAVRA-VIDA

Ana Rita Santiago – UFRB-UNEB (PÓS-CRÍTICA)

Amy Shimshon-Santo – Claremont Graduate University/USA

Tatiana Pequeno – UFF-RJ

A historiografia da literatura de mulheres tem demonstrado que escrever, para elas, tem sido um árduo e permanente exercício radical e, por conseguinte, exercício revolucionário de mobilizar a arte da palavra entrecruzada com o imaginário e a vida. É a arte-palavra-vida que tem movimentado a sua escrita criativa, por vezes, instigante, potente e pulsante, tornando-a, por isso, uma experiência singular e revolucionária. A literatura de autoria feminina resulta de posições radicais, protagonistas, solitárias e coletivas que permearam silenciamentos, invisibilidades, cerceamentos, mas também (re) escritas e (re)existências.

Tais experiências de radicalidade e revolução têm forjado outras cenas, histórias e críticas de enfrentamento do memoricídio, relacionadas às mulheres escritoras no campo literário. Assim, cabe a pergunta: O que pode a literatura de autoria de mulheres mediante as suas experiências da arte-palavra-vida? Indubitavelmente, cabe:

- o atrevimento da escrita (ANZALDÚA, 2021). Escrever a arte-palavra-vida para abalar “lugares e espaços” literários hegemônicos;
- o dessilenciamento de suas vozes (SANTIAGO, 2012);
- o desmascaramento (QUILOMBA, 2019) do racismo, sexismo, da misoginia... signatários de tessituras excludentes na literatura;
- o assenhoreamento da palavra escrita (EVARISTO, 2004), com marcas de jogos de (re)existência, poder, saberes, insurgências e invenção, dizeres e escritas de si (nós) e de outros mundos da arte-palavra-vida;

- os agenciamentos literários radicais e revolucionários de invenção do prazer estético literário, da arte-palavra-vida, não são somente pela sua tradição, mas também pelos múltiplos movimentos provocadores e (des)contínuos de rupturas, inovações e ressignificações da arte da palavra-vida.

Neste dossiê, “Corpos, Gêneros e Literatura de Autoria Feminina”, apresentam-se textos (artigos, resenha e entrevista) multifacetados que colocam em cena estudos e debates em torno da escrita de mulheres, que se querem femininas e, por vezes, feministas, cabendo ao lugar subjetivo de cada voz, cada escrita o que pode ser definido ou entendido como tal. Destacam-se, neste dossiê, análises de obras e textos literários e não literários que apontam nas escrituras de mulheres (re)desenhos de corpos e gêneros, bem como de figurações de suas experiências únicas e revolucionárias com a arte-palavra-vida.

Em “Palavras que sangram: o feminicídio em *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo”, Carlos Wender Sousa Silva e Elen Cristina Geraldês discute alguns modos de enfrentamento da literatura brasileira contemporânea diante do feminicídio. Para tanto, analisa o romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, a partir dos marcadores “misoginia” e “machismo”, dando ênfase ao silenciamento, à opressão do corpo e da voz feminina e à violência contra a mulher, apropriando-se de alguns elementos da estrutura sociopolítica e histórica patriarcal brasileira responsáveis pelas diversas manifestações de violência contra a mulher que perpassam os espaços público e privado.

O texto, “Literaturas de autoria negro-feminina na América Latina e Caribe: insurgências e ressignificações”, de Cristian Sales, aborda alguns movimentos de insurgências de algumas autoras negras da América Latina e do Caribe, levando em consideração modos hegemônicos de se pensar e agir dos cânones literário e historiográfico. Destacam-se, no texto, a “memória afro-atlântica” e a “criatividade epistemológica” dessas autoras no tocante à constituição de novas imagens e narrativas de episódios sobre a escravização nas Américas sob a perspectiva da resistência.

“As Joanas das Marias: corpos atravessados pela dor em *A ama*, de Maria Benedita Bormann, e *A escrava* de Maria Firmina dos Reis”, texto de Denise Santiago Figueiredo, a maternidade negra adquire a centralidade discursi-

va, ressaltando a quase inexistência sobre o direito à maternidade digna de mulheres africanas escravizadas no Brasil, na história e na literatura. Desse modo, ressalta a maternidade negra como mote literário das autoras Maria Benedita Bormann e Maria Firmina dos Reis, já que “visibilizam corpos que sempre sofreram com as projeções coloniais e com o sistema escravagista, atribuindo a estes corpos maternos humanidade e significado”, conforme assegura a autora.

“Traduzindo “As meninas”, de Cecília Meireles, para libras: uma tradução comentada”, de Neiva de Aquino Albres, apresenta os resultados de um pesquisa qualitativa de estudo de caso de Tradução Comentada, utilizando o “Diário de Tradução”, com o registro da documentação e versões da tradução. Aqui, foram analisadas a tradução dos nomes das personagens, Arabela, Carolina e Maria, e as rimas construídas por Cecília Meireles, em Libras, sob a perspectiva da avaliação da coerência com a cultura surda.

“Transgressão do corpo feminino em reescrituras de “O barba azul”: os contos subversivos de Ogawa e Hopkinson”, de Cynthia Beatrice Costa, Fernanda Aquino Sylvestre, apresenta duas reinterpretações do conto “O Barba Azul”, salientando o retrabalho quanto ao corpo da mulher e escritura feminina contemporânea comprometida com a promoção de transgressões na tradição literária.

Em “Dona sol: o entrelugar e o fascínio pela transgressão”, Ana Marcia Alvez Siqueira discorre sobre a novela *Fascinação*, de Hélia Correia, chamando a atenção para a permanência da opressão social e religiosa em relação ao corpo feminino. O texto apresenta inúmeras provocações “sobre a condição feminina ainda presentes no contexto contemporâneo: a opressão exercida pelas expectativas sociais e interdições morais, o fascínio despertado pelo desejo e pela transgressão, assim como os desafios advindos da condição de diferente”.

O texto, “Escritoras nipo-brasileiras e os valores estéticos japoneses na literatura brasileira contemporânea”, de Francisca Laila Ribeiro Pinto, expõe a relação entre a produção literária de escritoras nipo-brasileiras e a influência dos valores estéticos tradicionais japoneses presente na prosa e poesia brasileira contemporânea, analisando as obras *Desafio ao Imortal* (1970), de Eico Suzuki; *Velas ao Vento* (2020), de Marília Kubota, e *Sonhos Bloqueados* (1991), de Laura Honda-Hasegawa.

“Fé”, de Murata Sayaka: leituras paranoicas da paranoia”, de Fabio Pomponio Saldanha, aborda as construções identitárias das personagens no referido conto “Fé”, indicando um modo de funcionamento da paranoia, bem como alguns elementos presentes no conto que podem ser traços de outras elaborações sobre a identidade japonesa.

O artigo, “Línguas de fogo: transmissão e endereçamento entre mulheres”, de Marcela Maria Azevedo e Tainá Pinto, propõe uma leitura da carta “Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo”, da escritora Gloria Anzaldúa, para se refletir sobre a “transmissão” e o “endereçamento” entre mulheres. As autoras apropriam-se da cena descrita por Freud sobre histeria, em *Psicologia das massas e análise do eu*, a fim de destacar outra possibilidade de destino para a escrita, para além do padecimento.

“A sátira como poética no conto “Um telefonema”, de Dorothy Parker: um retrato da dependência emocional obsediante da mulher”, artigo de Caroline Sergel, Mariana Elizabeth Ceris Burtett Gudino e Valdeci Batista de Melo Oliveira, apresenta um estudo comparativo entre o conto “Um telefonema”, de Dorothy Parker (2020), e a sua adaptação audiovisual (RE-DEMOINHO, 2021), indicando os papéis de gênero que subjagam a personagem protagonista e provocam nela um estado emocional obsediante.

“Ecos da memória: a escrita do eu como forma de denúncia em “estátua de sal” de Maria Ondina Braga”, texto de Pedro d’Alte, situa a obra, *Estátua de Sal* (1983), de Maria Ondina Braga, no bojo da teoria literária sobre a “escrita do eu”, a autobiografia, além de problematizar recorrências, na obra, da “arquitetura da memória”.

Em “Corpo e escrita no despertar de *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra”, de Tarsilla de Brito e Renata Servato Gomes, são analisadas as experiências das quatro mulheres que compõem a genealogia da família desenhada por Carola Saavedra no romance referido, de 2018. Com viés da crítica feminista, a leitura destaca que o romance agencia uma crítica das narrativas canônicas, ao traçar as estratégias utilizadas pelas personagens femininas para enfrentar a subalternidade, a violência e o silenciamento.

“Bruxas e curandeiras, mulheres e feiticeiras: reflexões decoloniais sobre as personagens Christophine, artigo de Jean Rhys e Man Yaya, de Maryse Condé”, de Eliane Santos da Silva e Nadege Ferreira Rodrigues Jardim, analisam as personagens feministas protagonistas das obras *Vasto mar de Sargaços* (*Wide Sargasso Sea*), de Jean Rhys, e *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (*Moi, Tituba, sorcière... noire de Salem*), de Maryse Condé (2019), atentando para os seus apagamentos e respectivos modos de existir.

“Memórias de abandono, tortura e ditadura militar”, texto de Janaína Buchweitz e Silva, apresenta a obra “No corpo e na alma”, da militante da Ação Popular, Derlei Catarina de Luca, que narra as suas experiências de luta contra a ditadura brasileira, destacando a participação e protagonismo das mulheres no combate desse regime e o abandono, a solidão, as dores e os silêncios enfrentados pelas mulheres.

“De *Jane Eyre* (1847) a *Vasto Mar de Sargaços* (1966): a (re) construção identitária de Bertha Mason na prosa anglófona pós-colonial”, Giovane Alves de Souza e Auricélio Soares Fernandes também se refere à construção identitária da personagem Bertha Mason Rochester, no romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e, mediante a incidência do feminismo da autora, à reescrita da história por Jean Rhys da mesma personagem em *Vasto mar de sargaços* (1966). No texto, é possível verificar outra perspectiva crítica, pois se atribui voz à uma mulher caribenha silenciada na trama anterior.

“A deusa pelo mito, a mulher pelo poema: a Perséfone de Louise Glück”, artigo de Sabrine Amalia Antunes Schneider e Fabiane Verardi, tece considerações sobre quatro poemas da autora norte-americana Louise Glück (2021) que retoma o mito de Perséfone, com o intuito de realizar provocações sobre a identidade feminina na obra.

A Entrevista com a poeta, pesquisadora e professora Amy Shimshon-Santo, realizada por Ana Rita Santiago e Tatiana Pequeno, também integra este dossiê.

Por fim, mas não menos relevante, compõe esta coletânea de textos sobre “Corpos, Gêneros e a Literatura de Autoria Feminina”, a resenha, de Emanuele Carvalheira de Maupeou, sobre o livro “Amazina, poemas de Chu-



va”, de Marcilene Silva da Costa. Esse livro é apresentado pela resenhista como um modo de reinvenção da arte-palavra-vida e experiências de outras linguagens, geografias, afetos e pensamentos.

Escrever, para as autoras, como constatamos, com a leitura dos textos, aqui apresentados, é, geralmente, reescrever-se/nos e inscrever-se/nos em outros lugares, discursos, imaginários, papéis sociais, mundos e vivências que demarcam práticas discursivas interseccionadas por lirismos, afirmações, desilenciamentos, desconstruções e múltiplas formas de transgressão e reinvenção. Assenhoradas pela palavra e plenas de contundências, as autoras do presente número apropriam-se do vivido ou do imaginado, tornando-os inefáveis e ficcionalizados, provocando ora fruição ora desassossegos.

Bons caminhos de leitura!